

Pesquisa: 85% dos jovens brasileiros não vão à escola

RECIFE — Pelo menos 85% dos jovens com idade entre 15 e 18 anos estão fora das salas de aula. Dos que estudam, a metade também trabalha. A conclusão faz parte da pesquisa "O ensino médio no Brasil, da ruptura do privilégio à conquista do direito", que será oficialmente divulgada hoje em Recife pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, do Ministério da Educação.

O estudo, realizado em oito estados de todas as regiões do país (Pernambuco, Pará, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Maranhão, Goiás, São Paulo e Santa Catarina), revela que os índices de crescimento de número de matrículas, nas redes pública e privada, são sempre inferiores aos percentuais de aumento de evasão e de repetência.

— Isso mostra que a escola não se expandiu suficientemente para absorver todos — afirma a educadora Ednar Carvalho Cavalcanti, uma das organizadoras da pesquisa.

Segundo o documento, mais da metade dos estudantes matriculados no segundo grau encontra-se atrasada em relação à idade teoricamente desejável. Nas escolas públicas de Goiás, por exemplo, o número de alunos com idade superior a 19 anos chega a 60%. Nos cursos noturnos, o percentual chega a 88% em Belém.

Durante a pesquisa, que teve a

colaboração de sete universidades brasileiras, foram visitadas 196 escolas, distribuídos questionários a 1.596 professores e ouvidos 4.619 alunos.

No Maranhão, 91% da população entre 15 e 18 anos não chega às salas de aula. No Pará, o menor déficit de escolarização está na capital, 78%. Mas há localidades, como Furos, onde apenas 3,5% dos jovens nessa faixa etária estão na escola. O estado que atende à maior fatia da população é São Paulo. Mesmo assim, 60% dos jovens que deveriam cursar o segundo grau estão fora da escola.

O estudo mostra dados preocupantes. Em Goiás, por exemplo, o total de matrículas na rede pública e privada registrou crescimento de 242%. Mas na mesma época, o crescimento da evasão chegou a 1.387%, e o de reprovações foi de 225%.

— Infelizmente no Brasil o ensino de segundo grau transformou-se em uma sofrível lição de excludência — afirmou Ednar Carvalho.

Além do número de matrículas, houve crescimento na quantidade de escolas nos oito estados estudados, principalmente entre as oficiais.

— A rede física aumentou, mas a qualidade do ensino piorou — afirmou Mabel Albuquerque, que também participou da elaboração do Estudo.